Berna e outros futebóis

Reencontro o meu amigo G. para um almoço no meu bairro, ele que venha para estas bandas, para variar. [Lembram-se dele](#), do seu sorriso largo e generoso? Convido-o como sempre para almoçar, retribuindo-lhe assim os pequenos trabalhos de revisão que regularmente me vai passando. Optamos por um daqueles bons talhos húngaros que também servem almoços de carnes fritas e pratos robustos. O meu amigo aprova, naturalmente, mas uma vez lá dentro, na fila para pedir, o seu olhar atento logo identifica dois ou três detalhes suficientes para qualificar a casa como já demasiado moderna, não tão tradicional como o esperado, ou então “já bem diferente dos lugares de antigamente em Budapeste”, onde vinha almoçar a classe trabalhadora, a quem o estabelecimento emprestava canivetes (nada de garfos) para talhar a carne e cortar fatias de pão. Que o antigamente de Budapeste já faz parte para sempre do passado, até eu já o percebi, meu querido G., desde que fechou a tal última e mítica tasca de Kazinczy utca, com a sua *pálinka* comunitária e reconfortantes sandes de frango panado. Talvez do passado tenham infelizmente ficado apenas certos maus hábitos, disfarçados de coisa nova, mas que sinceramente já não enganam quase ninguém. As boas *csárdas* ficam fora da capital, nessas vilas e aldeias das vastas planícies húngaras, onde só se chega por estradas insuspeitas pejadas de imigrantes ilegais.

Adiante, falemos de bola, entretanto já sentados a comer. Decidi-me por um *cordón bleu* com arroz, frito na hora e anunciado à boa maneira tradicional (*gordon*). Comento-lhe que o quase heroísmo magiar neste Campeonato da Europa nada fica aquém de tantos outros quase-sucessos da história deste país. Esse ambíguo sentimento de orgulho sem proveito, que por aqui produziu alguns feriados nacionais, mas que como sabemos no futebol conta muito pouco. O que aliás me incomoda verdadeiramente é como Portugal conseguiu perder contra aquela

pálida Alemanha, mas enfim, elevemos agora um pouco a conversa. Fala-me G. do brilhante livro de Péter Eszterházy, *Utazás a tizenhatos mélyére*, no qual o autor trata eloquentemente da sua relação pessoal com o *beautiful game*, não esquecendo naturalmente, a propósito de alemães, essa célebre final do Campeonato do Mundo de 1954. Reflexões sobre uma tragédia, a de Berna, à qual o adversário chamou milagre. Nessa final, perdeu a Hungria, perdeu a melhor e invencível equipa, e o mundo de futebol registou mais uma vez que as equipas só são invencíveis até ao dia da derrota. Eszterházy fantasia sobre como tudo teria sido diferente caso a Hungria se tivesse sagrado campeã do mundo nesse funesto dia. E eu ponho-me subitamente a pensar em como seria a minha vida hoje se Ederzito António Macedo Lopes não tivesse nascido em Bissau nesse benfazejo dia de Dezembro, ou se a Guiné não tivesse sido nossa. Voltando de Bissau a Berna, o meu amigo G. fala-me de dados mais concretos, possíveis explicações racionais para a derrota quase sobrenatural desse dia: o adversário que se apresentou com jogadores diferentes dos que haviam perdido 8-3 no primeiro jogo contra a Hungria, as novas e revolucionárias chuteiras da Adidas com pitões substituíveis, o tempo chuvoso a beneficiar os alemães, duas controversas decisões do árbitro inglês, a lesão de Puskás... Eu pessoalmente lamento, faltou sem dúvida um título àquela inesquecível equipa húngara, pois na verdade uma medalha de ouro olímpica em futebol não é grande coisa aos olhos de hoje.

Difícilmente a Hungria voltará a jogar uma final ou Portugal a ganhar um Europeu. O futebol é mesmo assim, um pouco como a existência, essa arbitrária sucessão de momentos de glória e fracasso. Talvez o futebol ainda assim um pouco mais épico que a vida, mas de resto em tudo semelhante, que o que interessa é bola para a frente, força nas canetas e aproveitar as poucas oportunidades que temos para erguer um caneco.